

PERVERTA-ME: A TRILOGIA
COMPLETA

ANNA ZAIRES

♣ MOZAIKA PUBLICATIONS ♣

Este é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, locais e incidentes são produto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou localidades é pura coincidência.

Copyright © 2018 Anna Zaires e Dima Zales

<https://www.annazaires.com/book-series/portugues/>

Todos os direitos reservados.

Exceto para uso em uma crítica, nenhuma parte desse livro poderá ser reproduzida, digitalizada nem distribuída em qualquer formato impresso ou eletrônico sem permissão.

Publicado pela Mozaika Publications, impressão da Mozaika LLC.

www.mozaikallc.com

Capa de Najla Qamber Designs

www.najlaqamberdesigns.com

Tradução de Christiane Jost, revisão de Karine Lima e Ayrton Jost.

e-ISBN: 978-1-63142-373-4

ISBN: 978-1-63142-374-1

PERVERTA-ME

PERVERTA-ME: LIVRO 1

PRÓLOGO

*S*angue.

ESTÁ POR TODA PARTE. A POÇA DE LÍQUIDO VERMELHO-ESCURO ESTÁ ESPALHANDO-SE, multiplicando-se. Está nos meus pés, na minha pele, nos meus cabelos... Consigo sentir o gosto, o cheiro. Consigo senti-lo cobrindo-me. Estou afogando-me em sangue, sufocando nele.

Não! Pare!

Quero gritar, mas não consigo ar suficiente. Quero me mover, mas estou presa, amarrada no lugar. As cordas cortam a pele quando luto contra elas.

Mas consigo ouvir os gritos dela. Gritos inumanos de dor e agonia que me cortam, deixando minha mente tão exposta e mutilada quanto a carne dela.

Ele ergue a faca uma última vez e a poça de sangue se transforma em um oceano, a corrente me puxa...

Acordo gritando o nome dele, com os lençóis molhados de suor frio.

Por um momento, fico desorientada... em seguida, lembro-me.

Ele nunca mais virá atrás de mim.

DEZOITO MESES ANTES

*N*ora

EU TINHA DEZESSETE ANOS QUANDO O CONHECI.

Dezessete anos e louca por Jake.

— Nora, vamos, isto é chato — disse Leah. Estávamos sentadas nas arquibancadas assistindo ao jogo. Futebol americano. Algo sobre o qual eu não sabia nada, mas fingia adorar porque era onde o via. Lá naquele campo, praticando todos os dias.

Eu não era a única garota observando Jake, claro. Ele era o *quarterback* e o cara mais bonito do planeta... ou, pelo menos, do subúrbio Oak Lawn de Chicago, Illinois.

— Não é chato — disse eu. — Futebol é muito divertido.

Leah revirou os olhos. — Ah, é. Vá falar com ele logo. Você não é tímida. Por que simplesmente não faz com que ele a note?

Dei de ombros. Jake e eu não frequentávamos os mesmos círculos. As líderes de torcida viviam sobre ele e eu o observara por tempo suficiente para saber que gostava de

garotas altas e loiras, não morenas e baixas.

Além do mais, era divertido apenas desfrutar da atração. E eu sabia que era isso que sentia. Luxúria. Hormônios, pura e simplesmente. Eu não sabia se gostaria de Jake como pessoa, mas certamente adorava vê-lo sem camisa. Sempre que ele passava, eu sentia o coração batendo mais depressa. Eu me sentia quente por dentro e tinha vontade de me contorcer no banco.

Eu também sonhava com ele. Sonhos sensuais em que ele segurava minha mão, tocava em meu rosto e beijava-me. Meu corpo encostava no dele e esfregávamos um no outro. Nossas roupas caíam no chão.

Eu tentava imaginar como seria o sexo com Jake.

No ano anterior, enquanto eu namorara Rob, quase fomos até o fim, mas descobri que ele dormira com outra garota em uma festa enquanto estava bêbado. Ele implorou profusamente quando eu o confrontei, mas não conseguia mais confiar nele e terminamos. Agora, eu era muito mais cuidadosa com os rapazes com quem saía, apesar de saber que nem todos eram como Rob.

Mas talvez Jake fosse. Ele era popular demais para não se aproveitar disso. Ainda assim, se havia alguém com quem eu queria ter minha primeira vez, certamente era Jake.

— Vamos sair hoje à noite — disse Leah. — Só nós, garotas. Podemos ir a Chicago, comemorar o seu aniversário.

— Meu aniversário é só na semana que vem — comentei, apesar de saber que ela tinha a data marcada no calendário.

— E daí? Podemos começar cedo.

Eu sorri. Ela estava sempre pronta para se divertir. — Não sei. E se nos jogarem para fora de novo? Aquelas identidades

não são tão boas assim...

— Iremos a outro lugar. Não precisa ser no Aristotle.

O Aristotle era a melhor boate da cidade. Mas Leah tinha razão, havia outras.

— Está bem — disse eu. — Vamos. Vamos começar mais cedo.



LEAH ME BUSCOU ÀS NOVE HORAS DA NOITE.

Ela vestia calças *jeans* escuras, uma camiseta justa preta brilhante e botas de cano alto e salto fino. Os cabelos loiros estavam perfeitamente lisos, caindo pelas costas como uma cascata.

Em contraste, eu ainda usava tênis. Os sapatos de festa estavam escondidos na mochila que eu pretendia deixar no carro de Leah. Um casaco grosso escondia a camisa *sexy* que eu usava. Não aplicara maquiagem e os cabelos castanhos longos estavam presos em um rabo de cavalo.

Saí da casa desse jeito para evitar suspeitas. Eu disse a meus pais que ficaria com Leah na casa de uma amiga. Minha mãe sorriu, dizendo-me para que me divertisse.

Agora que eu tinha quase dezoito anos, não havia mais limite de horário para voltar para casa. Bem, talvez sim, mas não formalmente. Desde que voltasse para casa antes que meus pais comessem a entrar em pânico, ou pelo menos avisasse a eles onde eu estava, não havia problema.

Quando entrei no carro de Leah, comecei a transformação.

Tirei o casaco grosso, revelando a camiseta justa que vestia por baixo. Eu colocara um sutiã para maximizar meus

seios um tanto pequenos. As tiras do sutiã eram bonitas e não me senti envergonhada por elas aparecerem. Eu não tinha botas bonitas como Leah, mas levava o par de sapatos de salto alto mais bonito que tinha e que acrescentava quase dez centímetros à minha altura. Como eu precisava de cada um daqueles centímetros, calcei os sapatos.

Em seguida, peguei a bolsa de maquiagem e baixei o parasol para que conseguisse usar o espelho.

Feições familiares me encararam de volta. Olhos castanhos grandes e sobrancelhas pretas claramente definidas dominavam o rosto pequeno. Uma vez, Rob dissera que eu parecia exótica, algo que, de certa forma, conseguia ver. Apesar de ser apenas um quarto latina, minha pele sempre parecia ligeiramente bronzeada e os cílios eram incomumente longos. Leah dizia que eram falsos, mas eram inteiramente reais.

Eu não tinha problemas com minha aparência, apesar de frequentemente desejar ser mais alta. Eram os genes mexicanos. Minha avó era pequena como eu, apesar de meus pais terem altura média. Eu não me importaria com isso, exceto que Jake gostava de garotas altas. Eu achava que ele nem me via no corredor, pois estava literalmente abaixo do nível dos olhos dele.

Suspirando, passei brilho nos lábios e um pouco de sombra nos olhos. Eu não exagerava na maquiagem porque ficava melhor com algo simples.

Leah ligou o rádio e uma das músicas pop mais recentes encheu o carro. Sorri e comecei a cantar com Rihanna. Leah também acompanhou a música e cantamos o caminho inteiro.

Antes que eu me desse conta, chegamos à boate.

Entramos como se fôssemos donas do lugar. Leah abriu um sorriso largo ao segurança e mostramos as identidades. Ele nos deixou entrar sem qualquer problema.

Nunca fôramos àquela boate antes. Ela ficava em uma parte mais antiga do centro de Chicago.

— Como você descobriu este lugar? — perguntei a Leah, gritando para ser ouvida acima da música.

— Ralph me falou sobre ele — gritou ela de volta. Revirei os olhos.

Ralph era o ex-namorado de Leah. Eles terminaram quando ele começou a agir de forma estranha, mas, por algum motivo, ainda se falavam. Eu achava que Ralph começara a usar drogas, mas não tinha certeza e Leah não me dizia nada por causa de alguma lealdade estranha a ele. Ralph era uma pessoa extremamente duvidosa e o fato de estarmos lá por recomendação dele não era muito reconfortante.

Mas não dei importância a isso. A área do lado de fora não era das melhores, mas a música era boa e a multidão tinha uma mistura agradável de pessoas.

Estávamos lá para nos divertir e foi exatamente o que fizemos na hora seguinte. Leah convenceu dois rapazes a pagar bebidas para nós duas, mas tomamos apenas uma dose. Leah porque precisava nos levar para casa dirigindo e eu porque não metabolizava o álcool muito bem. Éramos jovens, mas não burras.

Depois das bebidas, fomos dançar. Os dois rapazes que pagaram as bebidas dançaram conosco, mas gradualmente nós nos afastamos deles. Não eram muito bonitos. Leah encontrou um grupo de rapazes atraentes, com idade universitária, e ficamos perto dele. Ela começou uma

conversa com um deles e eu sorri, observando-a em ação. Ela era boa em flertar.

Enquanto isso, minha bexiga avisou que eu precisava ir ao banheiro e afastei-me do grupo.

No caminho de volta, pedi ao garçom um copo d'água, pois estava com sede depois de dançar tanto.

Ele me entregou o copo e bebi avidamente. Quando terminei, larguei o copo sobre o balcão e ergui o olhar.

Diretamente para um par de olhos azuis penetrantes.

Ele estava sentado do outro lado do bar, a poucos metros de distância. E estava encarando-me.

Eu o encarei de volta. Não consegui evitar. Era provavelmente o homem mais bonito que eu já vira.

Os cabelos dele eram escuros e ligeiramente ondulados. O rosto era duro e masculino, com feições perfeitamente simétricas. As sobrancelhas escuras e retas emolduravam os olhos estranhamente pálidos. E a boca poderia pertencer a um anjo caído.

Subitamente, senti-me quente ao imaginar aquela boca tocando minha pele, meus lábios. Se eu corasse com facilidade, estaria totalmente vermelha.

Ele se levantou e andou na minha direção, ainda mantendo meu olhar. Seus passos eram preguiçosos e calmos. Era um homem totalmente confiante. E por que não? Ele era lindo e sabia disso.

Ao se aproximar, percebi que era um homem grande. Alto e musculoso. Eu não sabia a idade dele, mas achei que estivesse mais próximo dos trinta do que dos vinte anos. Um homem, não um garoto.

Ele parou ao meu lado e tive que me lembrar de respirar.

— Qual é o seu nome? — perguntou ele em tom suave. De alguma forma, a voz dele superou a música, o tom profundo audível mesmo com o ambiente barulhento.

— Nora — disse eu baixinho, olhando para ele. Eu estava completamente hipnotizada e tinha certeza de que ele sabia disso.

Ele sorriu. Os lábios sensuais se abriram, revelando dentes brancos uniformes. — Nora. Gostei.

Ele não se apresentou. Reuni coragem e perguntei: — E qual é o seu nome?

— Pode me chamar de Julian — disse ele. Observei os lábios dele movendo-se. Eu nunca estivera tão fascinada pela boca de um homem.

— Quantos anos você tem, Nora? — perguntou ele em seguida.

Eu pestanejei. — Vinte e um.

A expressão dele ficou sombria. — Não minta para mim.

— Quase dezoito — admiti relutantemente. Torci para que ele não contasse ao garçom e fizesse com que eu fosse expulsa de lá.

Ele assentiu, como se eu tivesse confirmado suas suspeitas. Em seguida, ergueu a mão e tocou no meu rosto de leve, gentilmente. Ele passou o polegar sobre meu lábio inferior, como se estivesse curioso para ver a textura.

Fiquei tão chocada que nem me mexi. Ninguém fizera isso antes, tocar-me de forma tão casual, tão possessiva. Eu me senti quente e fria ao mesmo tempo e um arrepio de medo desceu pela espinha. Não havia hesitação nas ações dele. Ele não pediu permissão, não parou para ver se eu o deixaria me tocar.

Ele simplesmente me tocou. Como se tivesse o direito de fazer isso. Como se eu pertencesse a ele.

Trêmula, respirei fundo e recuei. — Preciso ir embora — sussurrei. Ele assentiu novamente, observando-me com uma expressão inescrutável no rosto belo.

Eu sabia que ele estava me deixando ir embora e senti-me ridiculamente grata. Algo dentro de mim dizia que ele poderia ter ido mais longe com facilidade, que não jogava pelas regras normais.

Algo dentro de mim dizia que ele era a criatura mais perigosa que eu já conhecera.

Virei-me e abri caminho pela multidão. Minhas mãos tremiam e o coração parecia estar na garganta.

Eu precisava ir embora. Chamei Leah e fiz com que ela me levasse para casa.

Ao sairmos da boate, olhei para trás e vi-o novamente. Ele ainda me encarava.

Havia uma promessa sombria no olhar dele, algo que me fez estremecer.

*N*ora

AS TRÊS SEMANAS SEGUINTESS PASSARAM COMO UM BORRÃO. COMEMOREI MEU décimo oitavo aniversário, estudei para as provas finais, saí com Leah e minha outra amiga, Jennie, fui a jogos de futebol para ver Jake jogar e preparei-me para a formatura.

Tentei não pensar novamente no incidente na boate. Sempre que pensava naquilo, sentia-me uma covarde. Por que eu fugira? Julian mal me tocara.

Não conseguia entender minha reação estranha. Eu ficara excitada, mas ridiculamente apavorada ao mesmo tempo.

E agora, minhas noites eram inquietas. Em vez de sonhar com Jake, frequentemente acordava sentindo-me quente e desconfortável e com um latejar intenso entre as pernas. Imagens sexuais sombrias invadiam meus sonhos, coisas em que eu nunca pensara. Muitos deles envolviam Julian fazendo alguma coisa comigo, normalmente quando eu estava indefesa.

Às vezes, eu achava que estava ficando louca.

Tirando aquele pensamento perturbador da mente, concentrei-me em me vestir.

A formatura da escola era naquele dia e eu estava empolgada. Leah, Jennie e eu tínhamos grandes planos para depois da cerimônia. Jake daria uma festa na casa dele. Seria a oportunidade perfeita para finalmente falar com ele.

Eu usava um vestido preto sob o vestido azul da formatura. Era simples, mas ficava muito bem, mostrando minhas curvas pequenas. Também estava calçando sapatos de salto muito alto. Era um pouco demais para a cerimônia de formatura, mas eu precisava da altura extra.

Meus pais me levaram de carro até a escola. Naquele verão, eu esperava economizar bastante dinheiro para comprar meu próprio carro para ir para a faculdade. Eu iria a uma faculdade local porque era mais barato e continuaria morando em casa.

Eu não me importava. Meus pais eram agradáveis e nós nos dávamos bem. Eles me davam muita liberdade, provavelmente porque achavam que eu era uma garota boa que nunca se metia em encrencas. Em sua maioria, eles estavam certos. Além das identidades falsas e das excursões ocasionais às boates, eu levava uma vida bem tranquila. Não bebia demais, não fumava, não usava nenhum tipo de droga, apesar de ter experimentado maconha uma vez em uma festa.

Chegamos à escola e encontrei Leah. Na fila da cerimônia, esperamos pacientemente que nosso nome fosse chamado. Era um dia perfeito do início de junho, sem estar quente nem frio demais.

O nome de Leah foi chamado primeiro. Para sorte dela, seu sobrenome começava com "A". Meu sobrenome era

Leston e eu teria que esperar mais trinta minutos. Felizmente, a turma da formatura tinha apenas cem pessoas. Era uma das vantagens de morar em uma cidade pequena.

Meu nome foi chamado e avancei para receber o diploma. Olhando para a multidão, sorri e acenei para meus pais. Fiquei feliz por eles parecerem tão orgulhosos.

Apertei a mão do diretor e virei-me para voltar para o banco.

E, naquele momento, eu o vi novamente.

O sangue congelou em minhas veias.

Ele estava sentado no fundo, observando-me. Consegui sentir seus olhos sobre mim, mesmo à distância.

De alguma forma, consegui descer do palco sem cair. Minhas pernas tremiam e minha respiração estava muito mais acelerada do que o normal. Sentei-me ao lado dos meus pais e rezei para que não notassem meu estado.

Por que Julian estava lá? O que ele queria de mim? Respirando fundo, tentei me acalmar. Obviamente, ele estava lá por causa de outra pessoa. Talvez tivesse um irmão ou uma irmã na minha turma. Ou algum outro parente.

Mas eu sabia que estava mentindo para mim mesma.

Eu me lembrei daquele toque possessivo. E sabia que ele não terminara comigo.

Ele me queria.

Ao pensar nisso, um arrepio desceu pela minha espinha.



EU NÃO O VI DEPOIS DA CERIMÔNIA E FIQUEI ALIVIADA. FOMOS NO CARRO DE LEAH até a casa de Jake. Ela e Jennie foram conversando o caminho

inteiro, empolgadas por terem terminado a escola e para começar a próxima fase da vida.

Normalmente, eu participaria da conversa, mas estava muito perturbada depois de ver Julian e fiquei em silêncio. Por algum motivo, eu não contara a Leah que o conhecera na boate. Só dissera que estava com dor de cabeça e que queria ir para casa.

Eu não sabia por que não conseguia falar com Leah sobre Julian. Não tinha problema nenhum em falar sobre Jake. Talvez fosse porque era difícil demais descrever como Julian me fazia sentir. Ela não entenderia por que ele me assustava.

Eu mesma não entendia.

Quando chegamos à casa de Jake, a festa estava a todo vapor. Eu ainda estava determinada a falar com Jake, mas estava assustada demais depois de ter visto Julian mais cedo. Decidi que precisava de um pouco de coragem líquida.

Deixando as garotas, fui até o barril e servi um copo de ponche. Cheirando-o, vi que certamente tinha álcool e bebi o copo inteiro.

Quase imediatamente, comecei a me sentir tonta. Como eu descobrira nos anos anteriores, minha tolerância a álcool era praticamente inexistente. Um copo era o meu limite.

Vi Jake andando para a cozinha e segui-o até lá.

Ele estava fazendo uma limpeza, jogando no lixo alguns copos extras e pratos de papel sujos.

— Quer ajuda com isso? — perguntei.

Ele sorriu, com os olhos castanhos brilhando. — Ah, claro, obrigado. Seria demais. — Os cabelos eram um pouco longos e caíam em cachos na testa, fazendo com que ele parecesse muito bonito.

Eu derreti um pouco por dentro. Ele era tão lindo. Não da forma perturbadora de Julian, mas de forma agradavelmente confortável. Jake era alto e musculoso, mas não tão grande assim, considerando que jogava futebol. Uma vez, Jennie me dissera que ele não era grande o suficiente para jogar na universidade.

Eu o ajudei na limpeza, removendo alguns farelos do balcão e limpando o ponche que derramara no chão. O tempo inteiro, meu coração bateu mais depressa.

— Nora, certo? — perguntou Jake, olhando para mim.

Ele sabia meu nome!

Eu abri um sorriso largo. — Isso mesmo.

— Foi muito simpático de sua parte me ajudar, Nora — disse ele com sinceridade. — Gosto de dar festas, mas a limpeza é sempre uma chatice no dia seguinte. Portanto, agora tento limpar um pouco durante a festa antes que fique uma bagunça completa.

Meu sorriso aumentou e assenti. — Claro.

Aquilo fazia muito sentido. Adorei o fato de ele parecer tão atencioso e simpático.

Começamos a conversar. Ele me contou sobre os planos que tinha para o ano seguinte. Diferentemente de mim, ele iria para a universidade em outro lugar. Eu disse a ele que planejava ficar na cidade nos dois anos seguintes para economizar dinheiro. Depois disso, queria me transferir para uma universidade real.

Ele assentiu aprovadoramente e disse que era uma decisão inteligente. Ele pensara em fazer algo semelhante, mas tivera a sorte de conseguir uma bolsa integral para a Universidade do Michigan.

Sorri e dei os parabéns a ele. Por dentro, eu pulava de alegria.

Estávamos nos dando bem. Estávamos, de verdade! Ele gostava de mim, eu consegui perceber. Ai, por que eu não me aproximara dele antes?

Conversamos por cerca de vinte minutos até que alguém entrou na cozinha procurando Jake.

— Ei, Nora — disse Jake antes de voltar para a festa. — Você vai fazer alguma coisa amanhã?

Balancei a cabeça negativamente, prendendo a respiração.

— Que tal irmos ao cinema? — sugeriu Jake. — E talvez jantar naquele restaurantezinho de frutos do mar?

Sorri e assenti como uma idiota. Eu estava com medo demais de dizer algo imbecil e mantive a boca fechada.

— Ótimo — disse Jake, sorrindo de volta. — Então, busco você às seis.

Ele voltou a ser o anfitrião da festa e eu me juntei novamente às garotas. Ficamos lá por mais algumas horas, mas não falei novamente com Jake. Ele estava rodeado de amigos e eu não queria interromper.

Mas, de vez em quando, eu o via olhando para mim e sorrindo.



EU FLUTUEI PELAS VINTE E QUATRO HORAS SEGUINTE. CONTEI A LEAH E JENNIE O que acontecera e elas ficaram empolgadas por mim.

Em preparação para o encontro, coloquei um vestido azul bonito e botas marrons de salto alto. Eram uma mistura de botas de caubói e algo mais sofisticado e eu sabia que ficavam

bem em mim.

Jake me buscou às seis horas em ponto.

Fomos ao restaurante que ele sugerira, um local popular não muito longe do cinema. Era um lugar agradável, não formal demais.

Perfeito para um primeiro encontro.

Nós nos divertimos muito. Descobri mais algumas coisas sobre Jake e a família dele. Ele também me fez algumas perguntas e descobrimos que gostávamos dos mesmos tipos de filmes. Eu não suportava filmes melosos e adorava histórias de fim do mundo com muitos efeitos especiais. Pelo jeito, Jake também.

Depois do jantar, fomos ao cinema. Infelizmente, não era sobre o apocalipse, mas ainda era um filme de ação muito bom. Durante o filme, Jake colocou o braço sobre meus ombros e mal consegui conter a excitação. Eu torci para que ele me beijasse naquela noite.

Quando o filme terminou, fomos passear no parque. Era tarde, mas eu me senti totalmente segura. A taxa de criminalidade na nossa cidade era insignificante e o lugar era muito iluminado.

Estávamos andando e Jake segurava minha mão. Conversávamos sobre o filme. Em certo momento, ele parou e simplesmente me encarou.

Eu sabia o que ele queria. Era também o que eu queria.

Olhei para ele e sorri. Ele sorriu de volta, colocou as mãos nos meus ombros e abaixou-se para me beijar.

Os lábios dele eram macios e o hálito cheirava à menta do chiclete que ele mascara mais cedo. O beijo foi gentil e agradável, tudo o que eu esperara que fosse.

E, em um piscar de olhos, tudo mudou.

Eu nem sei o que aconteceu nem como aconteceu. Em um segundo, eu estava beijando Jake e, no próximo, ele estava caído no chão inconsciente. Uma pessoa grande estava sobre ele.

Abri a boca para gritar, mas não consegui soltar um som sequer antes que uma mão grande cobrisse minha boca e meu nariz.

Senti uma picada no lado do pescoço e o mundo ficou completamente escuro.

*N*ora

ACORDEI COM UMA DOR DE CABEÇA INTENSA E O ESTÔMAGO ENJOADO. ESTAVA escuro e eu não conseguia ver nada.

Por um segundo, não consegui me lembrar do que acontecera. Eu bebera demais em uma festa? Mas minha mente clareou e os eventos da noite anterior surgiram rapidamente. Lembrei-me do jeito e... Jake! Ai, meu Deus, o que acontecera com Jake?

O que acontecera comigo?

Eu me senti tão aterrorizada que só fiquei deitada lá, tremendo.

Eu estava deitada em algo confortável. Provavelmente, uma cama com um bom colchão. Havia um cobertor sobre mim, mas não senti roupas no corpo, apenas a maciez dos lençóis de algodão contra a pele. Apalpei o corpo e confirmei que estava completamente nua.

O tremor se intensificou.

Usei uma das mãos para verificar entre as pernas. Para

meu grande alívio, tudo parecia o mesmo. Nada de umidade, dor nem indicação de que eu fora violada.

Pelo menos, por enquanto.

As lágrimas queimaram meus olhos, mas não deixei que caíssem. Chorar não ajudaria a situação. Eu precisava descobrir o que estava acontecendo. Pretendiam me matar? Eu seria estuprada? Estuprada e depois morta? Se o que queriam era um resgate, eu estava praticamente morta. Depois que meu pai perdera o emprego durante a recessão, mal conseguia pagar a hipoteca.

Contive a histeria com muito esforço. Não queria começar a gritar. Isso atrairia a atenção deles.

Em vez disso, fiquei deitada no escuro, repassando na mente todas as histórias medonhas que vira nos noticiários. Pensei em Jake e no sorriso dele. Pensei em meus pais e em como ficariam arrasados quando a polícia lhes dissesse que eu desaparecera. Pensei em todos os meus planos e em como provavelmente nunca teria a oportunidade de frequentar uma universidade de verdade.

Em seguida, comecei a ficar com raiva. Por que fizeram aquilo? E quem eram eles? Supus que fossem "eles", e não "ele", porque me lembrava de ter visto um vulto escuro sobre o corpo de Jake. Outra pessoa devia ter me segurado por trás.

A raiva ajudou a conter o pânico. Consegui pensar um pouco. Ainda não conseguia ver nada no escuro, mas conseguia sentir.

Movi-me silenciosamente, começando a explorar os arredores com cuidado.

Primeiro, determinei que realmente estava deitada em uma cama. Uma cama grande, provavelmente tamanho *king*.

Havia travesseiros e um cobertor. Os lençóis eram macios e agradáveis. Provavelmente caros.

Por algum motivo, aquilo me deixou ainda mais assustada. Eram criminosos com dinheiro.

Rastejando até a beirada da cama, sentei-me, segurando o cobertor firmemente em volta do corpo. Meus pés nus tocaram no chão, que era liso e frio, como madeira.

Enrolei-me totalmente no cobertor e fiquei de pé, pronta para explorar um pouco mais.

Naquele momento, ouvi a porta se abrir.

Uma luz suave entrou. Apesar de não ser muito forte, fiquei cega por um minuto. Pisquei algumas vezes até que meus olhos se ajustassem.

E eu o vi.

Julian.

Ele estava parado na porta como um anjo sombrio. Os cabelos faziam cachos em volta do rosto, suavizando a perfeição dura das feições. Os olhos dele se fixaram em meu rosto e os lábios se curvaram em um sorriso leve.

Ele era deslumbrante.

E aterrorizador.

Meus instintos estavam certos, aquele homem era capaz de qualquer coisa.

— Olá, Nora — disse ele suavemente, entrando no quarto.

Lancei um olhar desesperado em volta. Não vi nada que pudesse servir de arma.

Minha boca estava seca como o deserto. Não consegui nem mesmo juntar saliva suficiente para falar. Portanto, só o observei andando na minha direção, espreitando-me como um tigre faminto observa a presa.

Se ele tocasse em mim, eu pretendia lutar.

Ele chegou mais perto e eu dei um passo atrás. E mais um. E mais outro. Até que fiquei com as costas contra a parede. Eu ainda estava enrolada no cobertor.

Ele ergueu a mão e eu, tensa, me preparei para me defender.

Mas ele estava apenas segurando uma garrafa d'água e oferecendo-a a mim.

— Tome — disse ele. — Imaginei que você estivesse com sede.

Eu o encarei. Estava morrendo de sede, mas não queria que ele me drogasse novamente.

Ele pareceu entender minha hesitação. — Não se preocupe, meu bichinho. É só água. Eu a quero acordada e consciente.

Eu não soube como reagir àquilo. Senti o coração na garganta e fiquei enjoada de tanto medo.

Ele ficou parado, assistindo pacientemente. Segurando o cobertor firmemente com uma mão, cedi à sede e peguei a garrafa da mão dele. Minha mão tremia e, ao pegar a garrafa, meus dedos encostaram nos dele. Uma onda de calor me invadiu, uma reação estranha que ignorei.

Eu precisava tirar a tampa da garrafa, o que significava que teria que soltar o cobertor. Ele observou meu dilema com interesse e uma grande dose de diversão. Por sorte, ele não estava tocando-me. Estava parado a menos de um metro e simplesmente observando-me.

Pressionei os braços contra o corpo, segurando o cobertor, e tirei a tampa. Em seguida, voltei a segurá-lo com uma das mãos e ergui a garrafa até os lábios para beber.

A sensação do líquido fresco foi deliciosa nos lábios e na língua secos. Bebi a garrafa inteira. Não me lembrava de quando fora a última vez em que a água tivera um gosto tão bom. A boca seca devia ser efeito colateral da droga que ele usara para me levar para lá.

Agora que conseguia falar novamente, perguntei: — Por quê?

Para minha surpresa, a voz soou quase normal.

Ele ergueu a mão e tocou no meu rosto novamente. Como fizera na boate. E, novamente, fiquei parada indefesa, deixando que ele fizesse aquilo. Os dedos foram gentis sobre minha pele, o toque quase gentil. Era um contraste tão grande com a situação toda que, por um momento, fiquei desorientada.

— Porque não gostei de ver você com ele — disse Julian. Percebi a raiva suprimida na voz dele. — Porque ele tocou em você. Ele colocou as mãos sobre você.

Eu mal conseguia pensar. — Quem? — sussurrei, tentando entender do que ele estava falando. Logo, entendi. — Jake?

— Sim, Nora — disse ele sombriamente. — Jake.

— Ele está... — Eu não sabia se conseguiria dizer aquilo em voz alta. — Ele está... vivo?

— Por enquanto — respondeu Julian com os olhos ardentes sobre os meus. — Ele está no hospital com uma concussão leve.

Fiquei tão aliviada que tive que me encostar na parede. Em seguida, o significado das palavras dele me atingiu. — O que quer dizer, por enquanto?

Julian deu de ombros. — A saúde e o bem estar dele dependem inteiramente de você.

Engoli saliva para tentar molhar a garganta ainda seca. — De mim?

Os dedos dele acariciaram meu rosto novamente, empurrando os cabelos para trás da orelha. Eu estava com tanto frio que parecia que o toque dele queimava a pele. — Sim, meu bichinho, de você. Se você se comportar, ele ficará bem. Se não...

Eu mal conseguia respirar. — Se não?

Julian sorriu. — Ele estará morto em uma semana.

O sorriso dele era a coisa mais linda e aterrorizadora que eu já vira.

— Quem é você? — sussurrei. — O que quer de mim?

Ele não respondeu. Em vez disso, tocou nos meus cabelos, erguendo um cacho castanho até o próprio rosto, inalando como se o estivesse cheirando.

Eu o observei sem me mexer. Não sabia o que fazer. Deveria lutar contra ele? E, se fizesse isso, de que adiantaria? Ele ainda não me machucara e eu não queria provocá-lo. Ele era muito maior e muito mais forte. Eu conseguia ver os músculos fortes sob a camiseta preta que ele vestia. Sem os sapatos de salto alto, eu mal chegava à altura dos ombros dele.

Enquanto contemplava o mérito de lutar contra alguém que provavelmente tinha cerca de cinquenta quilos a mais do que eu, ele tomou a decisão por mim. A mão dele se afastou dos meus cabelos e puxou o cobertor que eu segurava com tanta força.

Não soltei. No mínimo, segurei com mais força. E fiz algo constrangedor.

Eu implorei.

— Por favor — disse eu desesperadamente —, por favor, não faça isso.

Ele sorriu de novo. — Por que não? — A mão dele continuou puxando o cobertor, de forma lenta e inexorável. Eu sabia que ele fazia aquilo para prolongar a tortura. Poderia facilmente arrancar o cobertor com um puxão forte.

— Não quero isso — disse eu. Eu mal conseguia respirar por causa do aperto no peito e a voz saiu inesperadamente sem fôlego.

Ele pareceu se divertir, mas havia um brilho sombrio em seus olhos. — Não? Você acha que não percebi sua reação a mim na boate?

Balancei a cabeça negativamente. — Não houve reação. Você está errado... — Minha voz estava densa por causa das lágrimas não derramadas. — Eu só quero Jake...

Em um instante, a mão dele estava em minha garganta. Ele não fez mais nada, não a apertou. Mas a ameaça estava lá. Senti a violência nele e fiquei aterrorizada.

Ele se inclinou para perto de mim. — Você não quer aquele garoto — disse ele duramente. — Ele nunca lhe dará o que você quer. Você entendeu?

Assenti, assustada demais para fazer qualquer outra coisa.

Ele soltou minha garganta. — Ótimo — disse ele em tom mais suave. — Agora, solte o cobertor. Quero ver você nua de novo.

De novo? Devia ter sido ele quem tirara minhas roupas.

Tentei ficar ainda mais colada na parede. E ainda não soltei o cobertor.

Ele suspirou.

Dois segundos depois, o cobertor estava no chão. Como eu

suspeitara, não tive a menor chance quando ele usou toda a força.

Resisti da única forma que podia. Em vez de ficar parada e deixar que ele olhasse para meu corpo nu, deslizei para baixo até sentar no chão com os joelhos encostados no queixo. Coloquei os braços em volta das pernas e fiquei sentada, com o corpo inteiro tremendo. Os cabelos longos e densos estavam caídos sobre as costas e os braços, cobrindo-me parcialmente.

Escondi o rosto contra os joelhos. Eu estava com muito medo do que ele faria comigo e as lágrimas que queimavam os olhos finalmente escaparam, descendo pelo rosto.

— Nora — disse ele. Havia um tom de aço na voz dele. — Levante-se. Levante-se agora mesmo.

Balancei a cabeça sem dizer nada nem olhar para ele.

— Nora, isso pode ser algo prazeroso ou doloroso para você. A decisão é somente sua.

Prazeroso? Ele era louco? Meu corpo inteiro sacudia com os soluços.

— Nora — disse ele novamente e ouvi a impaciência em sua voz. — Você tem exatamente cinco segundos para fazer o que estou lhe dizendo.

Ele esperou e quase o ouvi contando na mente. Eu também estava contando e, ao chegar a quatro, levantei-me, com as lágrimas ainda escorrendo pelo rosto.

Eu senti vergonha da minha covardia, mas tinha muito medo da dor. Não queria que ele me machucasse.

Eu não queria que ele encostasse em mim, mas aquilo claramente não aconteceria.

— Boa garota — disse ele em tom suave, tocando meu rosto novamente e empurrando meus cabelos sobre os

ombros.

Eu estremei com o toque dele. Não podia olhar para ele e mantive o rosto abaixado.

Ele pareceu objetar àquilo, pois ergueu meu queixo até que eu não tivesse outra opção além de encontrar seu olhar.

Os olhos dele eram azuis-escuros naquela luz. Ele estava tão perto de mim que senti o calor de seu corpo. Foi uma sensação boa, pois eu estava com frio. Nua e com frio.

Subitamente, ele se abaixou e agarrou-me. Antes que eu ficasse realmente com medo, ele passou um braço atrás das minhas costas e outro sob meus joelhos.

Em seguida, ergueu-me sem esforço algum nos braços e carregou-me para a cama.



ELE ME COLOCOU SOBRE A CAMA, QUASE GENTILMENTE, E ENROLEI O CORPO, trêmula. Ele começou a tirar a roupa e não consegui evitar observá-lo.

Ele vestia calça *jeans* e uma camiseta, que foi a primeira peça que tirou.

O corpo dele era uma obra de arte, com os ombros largos, músculos rígidos e pele lisa e bronzeada. O peito tinha um pouco de pelos escuros. Em outras circunstâncias, eu teria ficado muito feliz por ter um amante tão bonito.

Naquelas circunstâncias, eu só queria gritar.

A calça *jeans* foi a próxima. Ouvi o som do zíper sendo aberto e isso me fez agir.

Eu estava deitada na cama e, um segundo depois, correndo para a porta, que ele deixara aberta.

Eu era pequena, mas muito rápida. Praticara corrida durante dez anos e era muito boa. Infelizmente, machuquei o joelho em uma das corridas e tive que me limitar a corridas mais leves e outras formas de exercício.

Consegui chegar à porta, descer a escada e estava quase na porta da frente quando ele me agarrou.

Seus braços se fecharam à minha volta por trás e ele me apertou com tanta força que não consegui respirar por um momento. Meus braços estavam completamente presos e eu não conseguia lutar. Ele me ergueu e chutei para trás com os saltos altos. Acertei alguns chutes antes que ele me virasse para encará-lo.

Eu tinha certeza de que ele me machucaria e preparei-me para um golpe.

Em vez disso, ele simplesmente me segurou firmemente em um abraço. Meu rosto estava enterrado em seu peito e meu corpo nu pressionado contra o dele. Senti o aroma limpo da pele dele e algo duro e quente contra a barriga.

A ereção dele.

Ele estava totalmente nu e excitado.

Da forma como ele me segurava, eu estava quase totalmente indefesa. Não conseguia chutá-lo nem arranhá-lo.

Mas conseguia morder.

Portanto, enterrei os dentes no músculo peitoral dele e ouvi-o xingar antes de puxar meus cabelos, forçando-me a soltá-lo.

Ele me segurou naquela posição, com um braço em volta da minha cintura e meu corpo firmemente pressionado contra o dele. A outra mão segurava meus cabelos, mantendo minha cabeça para trás. Com as mãos, empurrei o peito dele

em uma tentativa inútil de colocar alguma distância entre nós.

Encontrei o olhar dele de forma desafiadora, ignorando as lágrimas que escorriam pelo meu rosto. Eu não tinha outra opção além de ser corajosa. Se eu morresse, pelo menos queria manter alguma dignidade.

Ele estreitou os olhos azuis e a expressão ficou sombria e furiosa.

Eu respirava pesadamente e o coração batia tão depressa que parecia prestes a saltar do peito. Nós nos encaramos, predador e presa, conquistador e conquistada. Naquele momento, senti uma estranha conexão com ele. Como se uma parte de mim tivesse mudado para sempre por causa do que acontecia entre nós.

Subitamente, o rosto dele suavizou e um sorriso surgiu nos lábios sensuais.

Em seguida, ele abaixou a cabeça e pressionou a boca contra a minha.

Fiquei atônita. Os lábios dele eram gentis e suaves ao explorar os meus, mesmo enquanto ele me segurava com mãos de ferro.

O beijo dele foi muito habilidoso. Eu beijara vários rapazes e nunca sentira nada como aquilo. O hálito dele era quente, com um gosto doce, e a língua provocou meus lábios até que eles se abriram involuntariamente, dando a ele acesso à minha boca.

Eu não sabia se eram os efeitos da droga que tomara ou simplesmente alívio por ele não estar machucando-me, mas derreti com aquele beijo. Um estranho langor se espalhou pelo meu corpo, acabando com a vontade de lutar.

Ele me beijou lentamente, como se tivesse todo o tempo do mundo. A língua dele duelou com a minha e ele mordeu de leve meu lábio inferior, lançando uma onda de calor diretamente ao centro do meu corpo. A mão dele soltou meus cabelos e apoiou minha nuca. Era quase como se estivesse fazendo amor comigo.

Vi que minhas mãos seguravam os ombros dele. Eu não fazia ideia de como elas chegaram lá, mas agora estava segurando-me nele, em vez de empurrá-lo. Não entendi minha própria reação. Por que eu não me afastava do beijo dele com desgosto?

Mas a sensação daquela boca incrível era muito boa. Era como beijar um anjo. O beijo me fez esquecer da situação por um segundo, fazendo com que afastasse o terror.

Ele se afastou e olhou para mim. Seus lábios estavam úmidos e brilhantes, um pouco inchados depois do beijo. Os meus provavelmente estavam da mesma forma.

Ele não parecia mais furioso. Em vez disso, parecia faminto. Eu vi desejo e gentileza no rosto perfeito e não consegui afastar os olhos.

Passei a língua nos lábios e os olhos dele desceram para minha boca por um segundo. Ele me beijou novamente, apenas encostando os lábios nos meus.

Em seguida, pegou-me nos braços novamente e levou-me para a cama no andar de cima.

*M*ora

QUANDO OLHO PARA TRÁS, PARA AQUELE DIA, MEU COMPORTAMENTO NÃO FAZ sentido. Não entendo por que não lutei mais contra ele, por que não tentei fugir novamente. Não foi uma decisão racional da minha parte. Não foi uma opção consciente de cooperar para evitar a dor.

Não, agi puramente por instinto.

E meu instinto foi de me submeter a ele.

Ele me colocou sobre a cama e fiquei deitada. Eu estava muito cansada da luta anterior e ainda me sentia tonta por causa da droga.

Havia algo tão surreal sobre o que estava acontecendo que minha mente não conseguia processar totalmente. Parecia que eu assistia a uma peça ou um filme. Não podia ser eu naquela situação. Eu não podia ser aquela garota que fora drogada e sequestrada, e que deixava o sequestrador tocá-la, acariciá-la por todo o corpo.

Estávamos deitados de lado, olhando um para o outro.

Senti as mãos dele na minha pele. Elas eram ligeiramente ásperas, com alguns calos, e quentes sobre a pele gelada. Eram fortes, apesar de ele não estar usando aquela força no momento. Ele poderia me subjugar com facilidade, como fizera antes, mas não havia necessidade. Eu não estava lutando. Estava flutuando em uma névoa sensual.

Ele me beijou novamente, acariciando meu braço, minhas costas, meu pescoço, a parte de fora da minha coxa. O toque dele era gentil, mas firme. Era quase como se estivesse massageando-me, exceto que eu sentia a intenção sexual em suas ações.

Ele beijou meu pescoço, mordendo de leve o ponto sensível perto do ombro, e estremeci com a sensação de prazer.

Fechei os olhos. Aquela gentileza surpreendente foi desarmante. Eu sabia que deveria me sentir violada, e sentia, mas também me sentia estranhamente querida.

Com os olhos fechados, fingi ser apenas um sonho. Uma fantasia sombria, como as que eu tinha tarde da noite. Fazia com que fosse mais aceitável o fato de deixar que aquele estranho fizesse aquilo comigo.

Uma das mãos dele desceu para minhas nádegas, apertando a pele macia. A outra mão subiu pelo meu abdômen até as costelas, chegando ao seio esquerdo, que ele apertou de leve. Meus mamilos já estavam rígidos e o toque foi agradável, quase reconfortante. Rob fizera aquilo comigo antes, mas nunca fora daquele jeito. A sensação não fora a mesma.

Continuei de olhos fechados quando ele rolou meu corpo para que eu ficasse deitada de costas. Em seguida, colocou-se

parcialmente sobre mim, mas a maior parte do peso apoiada na cama. Percebi que ele não queria me esmagar e fiquei grata.

Ele me beijou no pescoço, no ombro, na barriga. A boca dele era quente e deixou um rastro úmido na minha pele.

Em seguida, ele colocou os lábios sobre meu mamilo direito e chupou. Arqueei o corpo, sentindo a tensão na parte inferior da barriga. Ele repetiu a ação com o outro mamilo e a tensão se intensificou.

Ele sentiu isso. Eu sabia porque a mão dele se aventurou entre minhas coxas e sentiu a umidade. — Boa garota — murmurou ele, acariciando minhas dobras. — Tão doce, tão acolhedora.

Gemi quando os lábios dele desceram pelo meu corpo, com os cabelos fazendo cócegas na pele. Eu sabia o que ele pretendia e minha mente ficou vazia quando ele chegou ao destino.

Por um segundo, tentei resistir, mas, sem esforço, ele afastou minhas pernas. Com os dedos, ele me acariciou gentilmente e, em seguida, abriu-me as dobras.

Logo depois, ele me beijou lá, enviando uma onda de calor pelo meu corpo. A boca habilidosa lambeu e mordeu em volta do clitóris até que comecei a gemer. Ele fechou os lábios sobre a área e chupou de leve.

O prazer foi tão forte que abri os olhos.

Eu não entendia o que estava acontecendo comigo e fiquei assustada. Estava queimando por dentro e sentia um latejar entre as pernas. O coração batia tão depressa que fiquei ofegante, sem conseguir recuperar o fôlego.

Comecei a me contorcer e ele riu de leve. Senti o hálito

quente dele sobre a pele sensível. Ele me segurou com facilidade e continuou o que fazia.

A tensão dentro de mim estava ficando insuportável. Comecei a me contorcer contra a língua dele e os movimentos pareceram me deixar mais perto de um precipício ilusório.

Despenquei com um grito suave. Meu corpo inteiro se retesou e fui invadida por uma onda de prazer tão intensa que encolhi os dedos do pé. Senti os músculos internos pulsando e percebi que acabara de ter um orgasmo.

O primeiro orgasmo da minha vida.

E nas mãos... ou na boca... do meu sequestrador.

Eu estava tão arrasada que só queria me enrolar e chorar. Fechei os olhos novamente.

Mas ele ainda não terminara. Lentamente, subiu sobre o meu corpo e beijou minha boca de novo. O gosto agora era diferente, salgado com um leve tom de almíscar. Percebi que vinha de mim mesma. Eu senti meu gosto nos lábios dele. Uma onda quente de vergonha me invadiu, ao mesmo tempo em que senti a fome dentro de mim aumentar.

O beijo foi mais carnal e rude do que antes. A língua dele penetrou em minha boca em uma imitação óbvia do ato sexual e seus quadris assentaram pesadamente entre minhas pernas. Uma das mãos dele segurou minha nuca, enquanto a outra estava entre minhas coxas, esfregando-me de leve e estimulando-me novamente.

Eu ainda não resisti, apesar de sentir o corpo tenso quando o medo voltou. Senti o calor e a rigidez da ereção contra a coxa e sabia que ele me machucaria.

— Por favor — sussurrei, abrindo os olhos para encará-lo. Minha visão estava borrada pelas lágrimas. — Por favor...

nunca fiz isto antes.

As narinas dele se abriram ligeiramente e seus olhos brilharam. — Fico feliz — disse ele baixinho. Em seguida, ele ergueu os quadris um pouco e usou a mão para guiar o pênis em direção à minha abertura.

Arquejei quando ele começou a me penetrar. Eu estava molhada, mas o corpo resistiu à intrusão nada familiar. Eu não sabia o tamanho dele, mas parecia enorme quando a cabeça do pênis entrou lentamente em meu corpo.

Começou a doer, a queimar, e gritei, empurrando-o pelos ombros.

As pupilas dele se expandiram, fazendo com que os olhos parecessem mais sombrios. Havia gotas de suor na testa dele e percebi que estava tentando conter-se. — Relaxe, Nora — sussurrou ele. — Doerá menos se relaxar.

Eu estava tremendo. Não consegui seguir o conselho dele porque estava nervosa demais... e porque doía demais, mesmo que apenas uma parte pequena dele estivesse dentro de mim.

Ele continuou a pressionar e meus músculos lentamente cederam, estendendo-se relutantemente para ele. Eu me contorci, soluçando, arranhando as costas dele com as unhas, mas ele foi implacável, empurrando o pênis lentamente, centímetro a centímetro.

Ele fez uma pausa e vi uma veia pulsando perto de sua têmpora. Ele parecia sentir dor. Mas eu sabia que ele sentia prazer com aquele ato que me machucava tanto.

Ele baixou a cabeça, beijando minha testa. Em seguida, empurrou o pênis, passando pela minha barreira virginal, rasgando a membrana fixa com uma investida firme. Ele não parou até que estivesse totalmente enterrado em mim e senti

seus pelos púbicos encostarem nos meus.

Quase desmaiei de dor. Senti uma náusea intensa e tontura. Nem mesmo consegui gritar. A única coisa que consegui foi respirar depressa, várias vezes, para evitar desmaiar. Senti o pênis fundo dentro de mim e foi a coisa mais agonizantemente invasiva que já sentira.

— Relaxe — murmurou ele em meu ouvido. — Só relaxe, meu bichinho. A dor passará, ficará melhor...

Não acreditei nele. Parecia que uma haste quente fora inserida no meu corpo, rasgando-me por dentro. E não havia nada que pudesse fazer para escapar, para sentir menos dor. Ele era muito maior e mais forte que eu. A única coisa que podia fazer era ficar deitada indefesa, presa sob ele.

Ele não moveu os quadris, não investiu novamente, apesar de eu conseguir sentir a tensão em seus músculos. Em vez disso, beijou gentilmente minha testa. Fechei os olhos, sentindo lágrimas amargas escorrerem pelas têmporas, e senti de leve seus lábios contra minhas pálpebras.

Não sei quanto tempo ficamos assim. Ele deu inúmeros beijos suaves em meu rosto e meu pescoço. As mãos dele me envolveram, acariciando a pele em uma paródia do toque de um amante. Durante todo esse tempo, o pênis ficou enterrado profundamente em mim, com a rigidez machucando-me, queimando-me por dentro.

Não sei em que momento a dor começou a mudar. Meu corpo traiçoeiro lentamente amaciou, começou a responder aos beijos, à gentileza do toque dele.

O idiota maligno sentiu. E começou lentamente a se mover, parcialmente recuando do meu corpo e voltando para dentro dele.

Inicialmente, os movimentos pioraram a dor, aumentando a agonia que eu sentia. Em seguida, ele colocou a mão entre os dois corpos e usou um dedo para pressionar o clitóris, mantendo a pressão leve e constante. As investidas moveram meus quadris, fazendo com que eu me esfregasse contra o dedo dele de forma ritmada.

Para meu horror, senti a tensão aumentando novamente dentro de mim. A dor ainda estava lá, mas o prazer também. Eu me contorci nos braços dele, mas lutava contra mim mesma. As investidas ficaram mais rápidas e mais profundas. Gritei com a intensidade insuportável. A dor e o prazer se misturaram até que não consegui mais distingui-los, até que eu existisse em um mundo de pura sensação. Em seguida, explodi e o orgasmo atravessou meu corpo com tanta força que minha visão ficou escura por um momento.

Subitamente, ouvi quando ele gemeu contra meu ouvido e senti-o ficando maior dentro de mim. O pênis pulsou fundo dentro de mim e percebi que ele também chegara ao orgasmo.

Depois disso, ele rolou para o lado e abraçou-me, segurando-me firmemente.

E chorei nos braços dele, buscando consolo da própria pessoa que era a causa das minhas lágrimas.



DEPOIS DISSO, MINHA MENTE FICOU ENEVOADA, MEUS PENSAMENTOS estranhamente confusos. Ele me levou para algum lugar e fiquei imóvel em seus braços, como um boneco de pano.

Ele me lavou. Eu estava no chuveiro com ele, vagamente surpresa com o fato de que minhas pernas conseguiam me

manter de pé.

Eu me sentia amortecida, de alguma forma desconectada.

Havia sangue nas minhas coxas. Vi quando ele se misturou com a água e desceu pelo ralo. Além disso, havia algo grudento. Provavelmente, o sêmen dele. Ele não usara proteção.

Talvez agora eu estivesse com alguma doença sexualmente transmissível. Eu deveria ficar horrorizada com a ideia, mas só me senti apática. Pelo menos, não teria que me preocupar com uma gravidez. Assim que comecei a namorar Rob, minha mãe insistira em me levar a um médico para colocar um implante de anticoncepcional no braço. Como assistente de enfermagem em uma clínica sem fins lucrativos para mulheres, ela vira muitas adolescentes grávidas e queria garantir que o mesmo não acontecesse comigo.

Fiquei muito grata a ela naquele momento.

Enquanto pensava nisso tudo, Julian me lavou cuidadosamente, passando xampu e condicionador nos meus cabelos. Ele até mesmo depilou minhas axilas e pernas.

Quando estava totalmente limpa, ele desligou a água e tirou-me do chuveiro.

Ele me secou com uma toalha e depois secou-se. Em seguida, envolveu-me em um roupão felpudo e carregou-me para a cozinha para me alimentar.

Comi o que ele colocou à minha frente. Nem senti o gosto. Era um sanduíche, mas não sei o que havia dentro dele. Ele também me deu um copo d'água, que bebi avidamente.

Eu torci vagamente para que ele não estivesse drogando-me, mas não me importei muito se estivesse. Estava tão cansada que só queria desmaiar.

Depois que terminei de comer e beber, ele me levou de volta para o quarto.

— Vá em frente, escove os dentes — disse ele. Eu o encarei. Ele se importava com minha higiene bucal?

Mas eu queria escovar os dentes e fiz o que ele mandou. Também usei o banheiro para urinar. Ele me deixou consideravelmente sozinha para fazer isso.

Em seguida, ele me levou de volta para o quarto. De alguma forma, a cama agora tinha lençóis limpos, sem rastros de sangue. Fiquei grata.

Ele me beijou de leve nos lábios, saiu do quarto e trancou a porta.

Eu estava tão cansada que andei até a cama, deitei-me e instantaneamente peguei no sono.

*N*ora

QUANDO ACORDEI, MINHA MENTE ESTAVA COMPLETAMENTE CLARA. LEMBREI-ME de tudo e senti vontade de gritar.

Saltei da cama, notando que ainda vestia o roupão da noite passada. O movimento súbito me deixou consciente de uma dor interna e meu corpo se retesou com a lembrança de como eu ficara dolorida. Ainda conseguia senti-lo dentro de mim e estremeci ao me lembrar disso.

Senti nojo de mim mesma. O que havia de errado comigo? Como pudera simplesmente ficar deitada e deixar que Julian fizesse sexo comigo? Como conseguira encontrar prazer nos carinhos dele?

Sim, ele era bonito, mas isso não era desculpa. Ele era mau. Eu sabia disso. Senti isso desde o início. A beleza externa dele escondia uma personalidade sombria.

Eu tinha a sensação de que ele apenas começara a revelar sua verdadeira natureza.

No dia anterior, eu estivera assustada e traumatizada

demais para prestar atenção aos arredores. Eu me sentia muito melhor e estudei o quarto cuidadosamente.

Havia uma janela, que estava coberta por cortinas grossas cor de marfim, mas ainda consegui ver um pouco da luz do sol do lado de fora.

Corri até ela, abri as cortinas e pisquei várias vezes por causa da luz clara súbita. Meus olhos demoraram alguns segundos para se ajustar. Depois, olhei para fora.

Senti um vazio por dentro.

A janela não era hermeticamente fechada nem nada. Na verdade, parecia que eu conseguia abri-la com facilidade e sair. O quarto era no segundo andar e talvez eu conseguisse chegar ao chão sem quebrar nada.

Não, a janela não era o problema.

Era a vista do lado de fora.

Vi palmeiras e uma praia de areia branca. Além delas, havia uma grande massa de água, azul e brilhante sob o sol.

Era um lugar tropical lindo.

E tão diferente quanto possível da minha cidadezinha no oeste.



SENTI FRIO NOVAMENTE. TANTO FRIO QUE COMECEI A TREMER. EU SABIA QUE ERA por causa do estresse, pois a temperatura devia estar em torno dos 26 graus Celsius.

Andei de um lado para o outro no quarto, parando às vezes para olhar pela janela.

Toda vez que eu olhava, era como um soco na barriga.

Eu não sabia o que esperara. Sinceramente, não tivera a

oportunidade de pensar sobre minha localização. Eu supusera que ele me manteria em algum lugar da área, talvez perto de Chicago onde nos conhecemos. Achei que a única coisa de que precisava para escapar era encontrar uma forma de sair da casa.

Agora, eu percebia que era muito mais complicado que isso.

Tentei abrir a porta novamente. Estava trancada.

Alguns minutos antes, eu descobrira um banheiro pequeno anexo ao quarto. Usei-o para cuidar das necessidades básicas e escovar os dentes. Fora uma distração agradável.

Agora, eu andava de um lado para o outro como um animal enjaulado, ficando mais aterrorizada e furiosa a cada minuto.

Finalmente, a porta se abriu e uma mulher entrou.

Fiquei tão chocada que simplesmente a encarei. Ela era relativamente jovem, com pouco mais de trinta anos, e bonita.

Ela segurava uma bandeja de comida e sorriu para mim. Os cabelos dela eram ruivos e encaracolados, e os olhos eram castanhos. Ela era maior que eu, provavelmente cerca de quinze centímetros mais alta, e tinha um corpo atlético. Estava vestida de forma muito casual, com uma bermuda *jeans* e uma camiseta branca, e calçava sandálias.

Pensei em atacá-la. Era uma mulher e eu tinha uma pequena chance de ganhar dela em uma luta. Eu não tinha chance alguma contra Julian.

O sorriso dela se alargou, como se ela tivesse lido minha mente. — Por favor, não me ataque — disse ela. Percebi o tom

de diversão na voz dela. — É inútil, eu garanto. Eu sei que quer fugir, mas não há para onde ir. Estamos em uma ilha particular no meio do Oceano Pacífico.

A sensação de buraco no estômago aumentou. — Ilha particular de quem? — perguntei, apesar de já saber a resposta.

— Ora, de Julian, é claro.

— Quem é ele? Quem são vocês? — Minha voz estava relativamente estável quando falei. Ela não me deixava nervosa como Julian.

Ela largou a bandeja. — Você saberá de tudo no momento certo. Estou aqui para cuidar de você e da propriedade. Meu nome é Beth.

Respirei fundo. — Por que estou aqui, Beth?

— Você está aqui porque Julian a quer.

— E você não vê nada de errado nisso? — Percebi o tom de histeria na minha voz. Eu não entendia como aquela mulher aceitava as loucuras daquele homem, como agia de forma tão normal.

Ela deu de ombros. — Julian faz o que quer. Não estou aqui para julgar.

— Por que não?

— Porque devo minha vida a ele — disse ela em tom sério, saindo do quarto.



COMI O QUE BETH LEVARA. ESTAVA GOSTOSO, APESAR DE NÃO SER UM CAFÉ DA manhã tradicional. Havia peixe grelhado com um molho de cogumelos e batatas assadas, além de uma salada verde. Como

sobremesa, fatias de manga. Imaginei que fosse uma fruta local.

Apesar do turbilhão interno, consegui comer tudo. Se eu fosse menos covarde, resistiria recusando-me a comer a comida dele. Mas eu tinha tanto medo da fome quanto tinha da dor.

Até o momento, ele não me machucara de verdade. Sim, doera quando me penetrara, mas ele não fora propositadamente rude. Suspeitei que a primeira vez seria acompanhada de dor independentemente das circunstâncias.

A primeira vez. Subitamente, percebi que fora minha primeira vez. Eu não era mais virgem.

Estranhamente, não parecia que eu perdera alguma coisa. A membrana fina dentro de mim nunca tivera um significado particular. Eu nunca planejava esperar até o casamento ou algo assim. Era terrível que minha primeira vez tivesse sido com um monstro, mas não senti pesar pela perda da designação "virgem". Eu teria ido até o fim com Jake, se tivesse tido a oportunidade.

Jake! Senti um aperto no peito. Não consegui acreditar que não pensara nele desde que Julian me dissera que ele estava seguro. O rapaz por quem fora louca durante meses desaparecera da minha mente enquanto eu estava nos braços do meu sequestrador.

Senti uma vergonha profunda. Eu não deveria ter pensado em Jake na noite passada? Não deveria ter imaginado o rosto dele enquanto Julian me tocava de forma tão íntima? Se eu realmente quisesse Jake, ele não deveria ser quem eu tinha em mente durante o ato sexual forçado?

Subitamente, fui invadida por um ódio amargo pelo

homem que fizera aquilo comigo, o homem que destruíra minhas ilusões sobre o mundo, sobre mim mesma. Eu nunca pensara no que faria se fosse sequestrada, sobre como reagiria. Quem pensava em coisas assim? Mas achei que sempre supusera que seria corajosa, que lutaria até o último suspiro. Não era o que faziam nos livros e nos filmes? Lutar, mesmo sendo inútil, mesmo quando isso significaria ser ferida? Eu não deveria ter feito isso também? Sim, ele era mais forte, mas eu não deveria ter cedido tão facilmente. Ele não me amarrara, não me ameaçara com uma faca ou uma arma. Só o que fizera fora me perseguir quando eu tentara correr.

Aquela corrida fora toda a minha resistência até o momento.

Eu não reconhecia essa pessoa que cedera com tanta facilidade. E, ainda assim, sabia que era eu. Uma parte de mim que nunca fora à tona antes. Uma parte de mim que eu nunca teria conhecido se Julian não tivesse me levado.

Pensar naquilo era tão angustiante que resolvi me concentrar no meu sequestrador. Quem era ele? Como alguém tinha uma ilha particular inteira? Por que Beth devia a vida a ele? E, o mais importante, o que ele pretendia fazer comigo?

Um milhão de cenários passaram pela minha mente, cada um mais horrível que o outro. Eu sabia que existia algo chamado de tráfico humano. Acontecia o tempo inteiro, especialmente com mulheres de países mais pobres. Era aquele o destino que me aguardava? Eu acabaria em algum bordel, totalmente drogada e usada diariamente por dezenas de homens? Julian estava simplesmente experimentando a mercadoria antes de entregá-la ao destino final?

Antes que o pânico me invadisse, respirei fundo e tentei pensar logicamente. Apesar de tráfico humano ser uma possibilidade, não parecia provável. Para começo de conversa, Julian parecia se sentir possessivo em relação a mim, possessivo demais para alguém que estivesse apenas testando a mercadoria. Além do mais, por que me levaria para lá, para aquela ilha particular, se estivesse simplesmente planejando me vender?

Meu bichinho, ele me chamara. Era apenas um termo sem significado ou era como ele me via? Ele tinha algum fetiche que envolvia manter as mulheres cativas? Pensei naquilo por um momento e imaginei que provavelmente sim. Por que mais um homem bonito e rico faria aquilo? Certamente, ele não tinha problemas em conseguir encontros da forma normal. Na verdade, talvez eu tivesse saído com ele se não fosse por aquela estranha vibração que percebera nele na boate.

Se ele não tivesse encostado em mim como se eu fosse propriedade dele.

Era aquilo que ele gostava? Propriedade? Queria uma escrava sexual? Se fosse isso, por que ele me escolhera? Fora por causa da minha reação a ele na boate? Ele achou que eu seria covarde e deixaria que fizesse o que quisesse comigo? De alguma forma, eu era culpada daquilo?

A ideia foi tão hedionda que eu a afastei e levantei-me, determinada a explorar um pouco mais minha prisão.

A porta ainda estava trancada, o que não me surpreendeu. Abri a janela e um ar quente, com cheiro de mar, encheu o quarto.

Mas não era possível abrir a tela da janela. Eu precisaria

fazer isso para sair. Não fiz muito esforço. Se fosse para acreditar em Beth, escapar daquele quarto não me ajudaria em nada.

Procurei algo que pudesse usar como arma. Não havia uma faca, mas um garfo acompanhara a refeição. Beth provavelmente notaria se eu o escondesse. Ainda assim, resolvi arriscar, escondendo o utensílio sob uma pilha de livros em uma das prateleiras altas que cobria a parede.

Em seguida, explorei o banheiro, torcendo para encontrar um frasco de spray para cabelos ou algo parecido. Mas havia apenas sabonete, uma escova de dentes e pasta dental. No chuveiro, encontrei sabonete líquido, xampu e condicionador, todos de marcas caras. Meu sequestrador claramente não era mesquinho.

Por outro lado, alguém que era dono de uma ilha particular certamente podia comprar um xampu de cinquenta dólares. Talvez até mesmo pudesse comprar um xampu de mil dólares, se tal coisa existisse.

O fato de estar pensando no xampu me deixou espantada. Eu não deveria estar gritando e chorando? Ah, na verdade, eu fizera isso no dia anterior. Imaginei que houvesse um limite para as lágrimas de uma pessoa. Eu parecia não ter mais nenhuma, pelo menos por enquanto.

Depois de explorar todos os recantos do quarto, fiquei entediada e peguei um dos livros da prateleira. Era um romance de Sidney Sheldon, sobre uma mulher traída que buscava vingança contra seus inimigos.

O livro era envolvente o suficiente para que eu conseguisse escapar mentalmente da minha prisão pelas horas seguintes.



BETH VOLTOU PARA LEVAR O ALMOÇO. ELA TAMBÉM LEVOU ALGUMAS ROUPAS, dobradas em uma pilha.

Fiquei grata. Eu usara o roupão a manhã inteira e queria me vestir normalmente.

Quando ela colocou as roupas sobre a cômoda, pensei novamente em atacá-la e tentar fugir. Talvez usar o garfo que eu escondera.

— Nora, dê-me o garfo — disse ela.

Eu me sobressaltei e olhei para ela espantada. Ela conseguia ler mentes?

Mas percebi que ela simplesmente olhava para a bandeja vazia e notara que o utensílio não estava lá.

Decidi bancar a boba. — Que garfo?

Ela soltou um suspiro. — Você sabe de que garfo estou falando. O que você escondeu atrás dos livros. Entregue-o.

Outra suposição que se provara errada. Não sei por que achei que eu teria alguma privacidade.

Olhei para o teto, estudando-o com cuidado, mas não vi onde estava a câmera.

— Nora... — chamou Beth.

Peguei o garfo e joguei-o para ela. Secretamente, torci para que ele furasse o olho dela.

Mas Beth o pegou e balançou a cabeça, como se estivesse desapontada com meu comportamento. — Eu esperava que você não fosse agir assim — disse ela.

— Assim como? Como uma vítima de sequestro? — Eu queria muito bater nela naquele momento.

— Como uma adolescente mimada — esclareceu ela,

guardando o garfo no bolso. — Você acha que é tão horrível estar aqui nesta ilha tão linda? Acha que está sofrendo por estar na cama de Julian?

Eu a encarei como se ela fosse louca. Ela esperava sinceramente que eu aceitasse a situação? Que nunca dissesse uma palavra de protesto?

Ela me encarou de volta e, pela primeira vez, percebi algumas linhas em seu rosto. — Você não sabe o verdadeiro significado de sofrimento, garota — disse ela em tom suave. — E espero que nunca descubra. Seja gentil com Julian e talvez possa continuar vivendo uma vida encantada.

Ela saiu do quarto e engoli em seco.

Por algum motivo, as palavras dela deixaram minhas mãos trêmulas.